

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Adriana Prass

O Professor e o Processo de Escrita como Criação

PORTO ALEGRE
2. SEMESTRE
2010

Adriana Prass

O Professor e o Processo de Escrita como Criação

Trabalho de Conclusão apresentado a comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

Orientadora:

Professora Dra. Margareth Schäffer

Porto Alegre
2.SEMESTRE
2010

AGRADECIMENTOS

Difícil agradecer apenas alguns, difícil definir quem participou ou não desta construção, deste caminho. Início agradecendo a UFRGS por proporcionar o aprendizado, as convivências e as descobertas desta etapa.

Aos colegas de caminhada que sempre acrescentaram nas discussões de corredor, nas conversas no elevador, nos cafezinhos no bar: Ari, Amanda, Camila, Denise, Gabi, Lari, entre outras. Especial agradecimento a Juliana Holz Luz, que por quatro anos me acompanhou oferecendo mais que uma dupla para trabalhos e companhia nos intervalos, ofereceu sua amizade para além das fronteiras da universidade, é difícil pensar ter chegado ao final desta etapa sem sua ajuda e presença constante.

Aos professores que me inspiravam em buscar, em encontrar, em discernir. Em especial a minha orientadora Margareth Schäffer, pela parceria por quase dois anos, pelas trocas e pela ajuda na construção desta pesquisa. À Denise Comerlato pela leitura atenta da última versão do tcc.

Aos amigos que entenderam as ausências, as conversas que pareciam sem sentido, que se fizeram presentes ainda que distantes: Paula, Rici, Lucas...

Aos meus familiares que entendiam os momentos de mau humor, os momentos de revoltas. Ao meu irmão por me passar segurança de que nunca ficarei sozinha e sua amizade. À minha mãe pelo incentivo, pelo carinho, pelo orgulho, pelo educação, pelo amor que proporcionou e proporciona a mim. Ao Luiz Paulo que acompanhou meu crescimento.

Enfim, agradeço a paciência, ao carinho e a compreensão que todos aqueles que convivo e que convivi sempre demonstraram nesses quatro anos.

Não, não é fácil escrever.
É duro como quebrar rochas.
Mas voam faíscas e lascas
como aços espelhados.
Clarice Lispector

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso objetiva identificar os processos de subjetivação dos alunos dos anos iniciais através da escrita e da linguagem e o professor neste processo. Os estudos desenvolvidos foram acerca do que a psicanálise freudo-lacanianana traz sobre escrita e subjetivação. Através de observações em salas dos primeiros anos do ensino fundamental, da análise das escritas dos alunos, de questionário com o professor e da pesquisa de referenciais teóricos que abordam tanto a ação do professor nas subjetivações dos seus alunos quanto as possibilidades de subjetivação através da escrita, este estudo busca identificar a relação deste docente enquanto sujeito no processo de escrita de seus alunos e as relações estabelecidas dos alunos com sua criação. Percebendo as subjetivações de seus alunos no que se refere a relação com a aprendizagem o professor pode buscar formas de intervenção que o auxiliem a tornar-se desejante neste contexto de relações. Através das análises e da ligação entre os três focos de discussão (observação, escrita, questionário) é possível traçar relações entre o sujeito professor e o sujeito aluno. A partir desta premissa, a prática docente pode fazer com que este aluno modifique os lugares definidos na relação com aprendizagem e possa passar a aluno desejante. Aqui a ação do professor em relação com a aprendizagem do seu aluno se faz transformadora.

Palavras-chave: Escrita. Subjetividade. Professor-aluno.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: UM PERCURSO	6
2 METODOLOGIA	11
3 CONSIDERAÇÕES DAS TEORIAS USADAS	13
3.1 Psicanálise e Educação	13
3.2 Escrita e Psicanálise	15
3.3 Criação e Linguagem	17
3.4 Professor-Aluno-Transferência	19
5 DA TEORIZAÇÃO À ANÁLISE DO MATERIAL	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	37

1 INTRODUÇÃO: UM PERCURSO

Se pensarmos que só podemos saber onde estamos indo se soubermos de onde viemos e como já chegamos até aqui, é importante ter um breve relato deste percurso. A finalidade de começar com memorial sobre os caminhos percorridos até este Trabalho de Conclusão de Curso é poder delimitar com pertinência um objeto de estudo, é poder saber de onde se partiu para saber se conseguimos chegar ao objetivo estabelecido assim como se podemos mostrar o que foi aprendido, o que foi discutido e por fim, o que será contemplado neste trabalho.

Minha trajetória começou quando optei por fazer vestibular para tentar ingressar no Curso de Pedagogia. Sempre vi a Pedagogia como um curso amplo que me possibilitaria transitar por diversas áreas relacionadas com as humanidades. Por minha mãe ser fonoaudióloga e psicopedagoga, sempre tive bastante contato com essas áreas e depois do ingresso no curso o interesse por elas só se fortaleceu. Durante o curso, cadeiras de Psicologia e de Filosofia sempre foram as que mais me agradavam e mais me subsidiaram para dar curso à minha problemática..

No final do ano de 2008 comecei a me interessar pelos processos de alfabetização das crianças, o que me levou a realizar minhas futuras observações em classes dos primeiros anos do ensino fundamental, classes de alfabetização. Nesse processo o que despertou meu interesse foi a sua amplitude e a constante busca de entendimento sobre métodos de alfabetização, e a participação da criança no decorrer deste percurso. A idade da criança e as possibilidades de trabalho com elas também foi um fator que me leva para a área dos Anos Iniciais do Ensino fundamental. As responsabilidades das ações dos alfabetizadores e os diferentes trabalhos que podem ser desenvolvidos buscando tal objetivo, a alfabetização, foram determinantes, pois se encontra aí um amplo campo de pesquisa. Dentro das disciplinas em que vimos e estudamos os diferentes métodos de alfabetização, assim como suas aplicações e especificidades, podemos perceber também que o papel do professor-alfabetizador é tão importante quanto a linha metodológica que ele elege. A partir da concepção de que o professor que alfabetiza tem papel

imprescindível na formação da criança escolar e da percepção de que sou capaz de exercer esta função, foi que a área de alfabetização passou a ser foco de meus estudos e de meus interesses.

Esse desejo ainda estava em construção quando a oferta de uma bolsa de iniciação científica no campo da linguagem e da subjetividade apareceu como oportunidade de estudo. A partir das leituras que iniciaram houve um estranhamento entre o que me levou até ali e o que estava por vir, penso que pela complexidade que é a psicanálise para quem inicia seu estudo, ainda mais alguém de uma área diferente.

Ao iniciar as leituras acerca do projeto de pesquisa *Subjetividade Linguagem e Criação: Escrita e Sinthome*, leituras estas indicadas pela Professora Orientadora, os relatórios sobre o projeto, encontrei-me numa imensidade de novos conceitos e uma nova teoria a ser estudada. Não somente conceitos¹ novos, como gozo e pulsão, mas também novas significações de outros conceitos, como desejo, verdade, inconsciente/simbólico/real. A partir de então surgiu um contato maior com a psicanálise através destes estudos realizados, estes pensados como fundamentais para o entendimento da ligação que possui a psicanálise e a educação.

Após este primeiro contato, surgiu a busca de uma possível ligação entre o objeto de pesquisa da bolsa de iniciação científica com o desejo de trabalhá-lo através da alfabetização, estabelecendo ligações. Por outro lado, trabalhar a partir dos escritos dos alunos poderia ser realizado com mais facilidade nos anos intermediários do ensino fundamental (3º e 4º ano), visto que a criação nestas etapas se dá de maneira mais sistemática, pois é a partir da alfabetização que começa a ser cobrado este exercício.

Sendo assim, a escolha por realizar o estágio obrigatório numa turma de ensino fundamental não foi inocente. Primeiramente a tentativa de classes de alfabetização, mas como sabemos que nem sempre é possível realizar o estágio no nível mais desejado, e sim naquele que nos é permitido, acabei por exercer a docência numa turma de 4º ano. Mais tarde, já com os materiais escritos e com as vivências de docente, comecei a perceber que, realmente, não existem escolhas inocentes, com esta turma e com os materiais recolhidos pude perceber que esta era a melhor etapa para analisar a escrita dos alunos e a relação com o professor, pois além deles já

¹ Alguns destes conceitos serão abordados mais especificamente no decorrer do trabalho, visto que são essenciais para sua compreensão.

terem uma prática de escrita formal estabelecida, esta turma em especial, por ser pequena, possibilitou um ato de observar mais criterioso e cauteloso.

Este trabalho traz conceitos e aprendizagens desta caminhada, não só de um semestre, ele é construído de fragmentos, aprendizagens e restos de todo o curso de Pedagogia, de toda uma formação. Busco, então, fazer um recorte entre aquilo que foi visto, desenvolvido e experienciado no decorrer do curso, nas disciplinas cursadas, no projeto de pesquisa desenvolvido. Ou seja, fazer ligações com os demais conhecimentos na formação de um professor. Este não pode ser considerado um trabalho individual, nem mesmo somente com a participação da orientadora, pois nele refletem muito mais que os acontecimentos deste período definido como o processo de constituição do docente. Todas as manhãs, tardes e noites na Faculdade de Educação, refletem acontecimentos do cotidiano, acontecimentos da nossa vida. Por mais que se busque, que se tente separar um ser profissional de um ser pessoal, quem escolher a profissão de professor dificilmente conseguirá tal façanha.

Ao iniciar a tentativa de recorte daquilo que pretendo versar, uma das questões que saltou-me aos olhos durante a leitura dos projetos, durante as práticas pedagógicas e depois com as produções a serem analisadas, sempre foi qual era o papel do professor nos processos de subjetivação. Se o aluno buscava um lugar em relação a aprendizagem, será que o professor se colocava em algum lugar neste processo de subjetivação, podendo reforçar o lugar encontrado pela criança? Ou se o aluno busca um lugar? Estes questionamentos levam a mais perguntas no contexto da relação professor aluno, professor aprendizagem, aluno aprendizagem e ainda sobre o professor nestes processos da criança, tanto no que vale ao seu papel quanto as suas possibilidades e desejos.

Como foi visto nos estudos realizados, a linguagem e a escrita produzem um efeito subjetivador de criação (SCHÄFFER, 2004). Este efeito pode acabar colocando a criança tanto no lugar de desejante como no lugar de não desejante na relação com a aprendizagem. É possível o professor identificar essa ida para um destes lugares e também agir perante a constituição do desejo pela aprendizagem de seu aluno.

A partir de leituras de pesquisas anteriores, de trabalhos de conclusão de curso que trazem uma temática aproximada ao que desejo escrever, e com o acompanhamento do projeto de pesquisa da Orientadora, foram pensadas mais questões de investigação. No decorrer das leituras

foram vistos aspectos como os processos de subjetivação da criança através da criação, sua visibilidade, análises de produções escritas, e buscadas maneiras de agir nestes processos.

Atentando para a ligação entre as subjetivações da criança e o papel do professor nestes processos, podemos pensar qual papel deveria ser representado enquanto sujeito de ensino. A partir da possibilidade de perceber a inscrição do aluno no lugar de desejante na sua produção, um professor, se pensado num ideal, poderia perceber também a caracterização do desejo de seu aluno a partir da sua escrita.

O professor pode desempenhar um papel expressivo nos processos de subjetivação dos seus alunos, visto que seu papel é pensado a partir do aluno e para o aluno. Pereira (2001) traz que a ação do professor deve ser racional e intencional, sendo estas máximas para que a ação deste seja bem sucedida. Podemos ver professores que, por motivos desconhecidos, não tem fundamentado os princípios de sua prática, tornando-a um trabalho mecânico. Freud coloca que a educação é uma das profissões impossíveis, pois o seu produto ultrapassa a ordem do finalizado, não há um controle do que ensinamos (FREUD apud MRECH, 2008). Isto exemplifica a complexidade que é lidar com os outros, com as possibilidades e os desejos daqueles que estão ligados ao seu trabalho. Um professor que não tem esclarecidas suas possibilidades e seus desejos na educação não poderá fazer um trabalho senão o meramente funcional, uma ação que ficará no meio termo. A partir desta premissa podemos pensar que o professor que será bem sucedido em sua profissão é aquele que está ali porque quer, e não por falta de outra possibilidade.

Se pensarmos na importância da relação entre professor e aluno na aquisição de conhecimento, podemos chegar a conclusão de que o aluno, ao utilizar da escrita como forma de visibilidade de seu desejo, transformaria o professor como seu principal leitor. O contar-se, através da escrita, do sujeito pode ser considerado um contar-se como busca e demonstração do seu lugar na relação desejante. Visto que a criação, a escrita, é um processo de inscrição do sujeito, e o aluno não para de inscrever-se e se repetir (PEREIRA, 2001), o professor pode agir a partir das representações dos alunos e de suas publicizações, com a finalidade de auxiliar o sujeito a passar da condição de aluno-não para a condição de desejante.

A partir do pensamento que de que a ação do professor pode atuar nos processos de subjetivação do sujeito aluno, Pereira quando traz relações de novas subjetivações a partir do

encontro dos desejos dos sujeitos, nos mostra que é possível uma ação eficaz do professor nos processos de seus alunos.

Nas relações, sujeitos causam ações em outros sujeitos; logo, os primeiros podem se dessubjetivar e passar à posição de objetos de idealização, de identificação, de desejo. A intersubjetividade sob este olhar é da ordem da ilusão. As relações se pautam, então, na ligação sujeito-objeto, mesmo que esses papéis se alternem. (2001,p.178).

Dizer que a relação do sujeito professor com o sujeito aluno pode ser transformadora é dizer que há a possibilidade de o docente atuar na subjetivação do aluno. Se pensarmos a escola como lugar onde o sujeito vai constituir-se, onde ele passará maior parte do tempo e que a partir das relações lá estabelecidas poderá subjetivar-se, o professor pode tornar-se seu referencial. É também na Escola que se dá uma maior visibilidade aos processos que o aluno passa, assim como é o professor que a observa.

O interesse deste trabalho é buscar relações entre o professor e o processo de subjetivação do aluno através de atividades de criação, observar que subjetividades podem ser percebidas através da escrita destes alunos e ainda onde este docente se coloca neste processo. Não há como pensar esta temática sem dar continuidade nas observações sobre os processos de subjetivação do aluno, sendo este o objetivo da análise das produções escritas juntamente com a realização de um questionário com o professor, no decorrer das observações. Sendo assim busco responder qual o papel do professor no processo de escrita como criação.

Este trabalho apresenta-se em quatro partes, o primeiro bloco contém a metodologia do trabalho, como foi coletado o material, como serão feitas as análises. Na segunda parte disserto sobre as teorias que ajudaram a embasar a construção do trabalho, trazendo conceitos fundamentais para o entendimento. No terceiro bloco faço as análises das criações dos alunos, conversando com as observações e com que o professor faz dessas criações. Na conclusão, quarta parte do trabalho, busco um fechamento com a importância deste trabalho, para quem ele é endereçado, assim como considerações acerca de como foi construir esse trabalho acadêmico.

2 METODOLOGIA

A metodologia não pode ser separada da base teórica a que está ligada e sua construção integra os objetivos da presente pesquisa. Logo, pretendemos estabelecer uma forma através das observações, da coleta de materiais, do questionário respondido pelos professores, de ver como se dá a relação professor-aluno nas classes dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Esta foi uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso pois buscava investigar e problematizar os aspectos levantados da observação, do questionário e do material coletado para auxiliar nas análises. Sendo assim, buscamos fazer apontamentos referentes a todo o processo de escrita, como o papel do professor neste processo.

Tal construção se deu através de estudos feitos sobre a escrita, a linguagem, as subjetividades e a ação do professor nas teorias utilizadas neste trabalho. Estes estudos se deram de forma articulada e as observações levaram em consideração as singularidades dos sujeitos e suas subjetividades.

Como este trabalho se deu a partir das experiências no decorrer da graduação, as cenas e os materiais utilizados nas análises e no corpo do trabalho foram coletados principalmente no período do estágio obrigatório. Materiais estes com os devidos documentos que permitem sua utilização, assim como o consentimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Primeiramente, foram feitas leituras de materiais da linha de pesquisa que guia este trabalho, buscando assim já adentrar no campo teórico disposto para esta construção. A partir desta leitura outras foram se agregando para estabelecer relações e buscar um possível tema. Então com o surgimento do problema de pesquisa iniciou-se a construção de um aporte teórico que embasasse as observações, que fora definida como fonte, e ainda para possíveis problematizações e considerações acerca dos dados coletados. E posteriormente, serviram para embasar a análise das produções escritas.

Estabelecemos três fontes de análises: a escrita das crianças, o questionário dos professores e a observação de cenas da relação professor-aluno. Durante o estágio foram

coletadas produções escritas das crianças, que serão analisadas a fim de estabelecer relações entre a ação docente com o processo de subjetivação dos alunos, vistos através da criação.

Os sujeitos envolvidos no trabalho são alunos de um quarto ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Porto Alegre, e os professores desta turma. São 12 alunos, com faixa etária de 9 a 11 anos, dois professores com idade de 22 e 32 anos. Podem ser classificados como uma turma homogênea enquanto classe econômica, estrutura familiar e processos de aquisição da escrita. Seus nomes foram trocados e/ou substituídos por uma letra inicial visando preservar as identidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa. As escritas que aparecem aqui foram apresentadas assim como as crianças a entregaram, naquelas em que não há muita legibilidade descreveremos o que foi lido pelo aluno.

O questionário (ANEXO 1) entregue ao professor visava demarcar tanto a sua posição frente a atividades de criação, quanto o que ele trazia a respeito da importância da escrita e do momento de criação de seu aluno. São doze perguntas que abordam desde aspectos de sala de aula até as relações do professor com o escrever. Estas questões foram elaboradas a partir de um questionário maior, contido no projeto de pesquisa da Orientadora deste trabalho (SCHÄFFER, 2004). As respostas do professor foram analisadas levando em conta a sua subjetividade e sua singularidade.

As observações de momento foram tidas como método para fazer a ligação entre as respostas deste professor com sua ação na sala de aula. Sendo assim, também levou-se em conta a subjetividade e singularidade dos sujeitos envolvidos. Foram utilizadas também anotações dos demais momentos de inserção em sala de aula do Curso de Pedagogia: ou seja, das mini-práticas realizadas semestralmente, aquelas realizadas em anos iniciais do ensino fundamental.

3 CONSIDERAÇÕES DAS TEORIAS USADAS

Para a continuidade da pesquisa e discernimento sobre os dados coletados mostra-se necessário fazer algumas colocações acerca das teorias e dos textos estudados.

3.1 Psicanálise e Educação

O professor pode desempenhar um papel preciso na formação dos alunos, e na busca do desejo da aprendizagem, sendo ele quem coloca o aluno no lugar de aprender (PEREIRA, 2001 p.167-168). Pode assim, ser considerado um agente dominador das posições tomadas, de conflitos e confusões (idem), ou seja, a ação do professor esta intrinsecamente ligada ao fazer-se aluno. Se para aprender é preciso entrar em contradições e a partir destes conflitos buscar relações e soluções, cabe ao professor guiar o sujeito aluno através destes tempos e assumir a responsabilidade na relação estabelecida entre conhecimento científico e habilidades instrumentais, tornando-se assim um bom professor.

O ato de ensinar traz consigo sentimentos de insucesso e de impotência, pois há uma tendência idealista em nossa prática pedagógica que nos faz acreditar que para ser bem sucedido em nossa profissão, ser um bom professor, a apropriação de teorias é suficiente, entretanto acabamos por não considerar as singularidades dos alunos. Ao observar que nosso aluno não mais apresenta desejo em relação a aprendizagem podemos desistir de trazer ele de volta a um lugar de desejo, ou podemos refletir sobre quais as possíveis causas desta fuga, e tentar a partir de nossa prática fazer este não-aluno tornar-se desejante novamente.

A linguagem é o lugar que o homem constrói e expõe a sua unidade (PEREIRA, 2001) e será a partir dela que poderemos perceber que lugar o aluno ocupa na relação de desejo na aprendizagem. Ferramentas que subsidiem esta percepção devem ser construídas pelo professor,

isto se este deseja também, deseja agir no processo de subjetivação de seu aluno. Aqui devemos pensar em como se dá a visibilidade dos processos de subjetivação, e se o professor consegue identificá-la.

Para psicanálise a letra é suporte material do significante (ELIA, 2007) e é através da palavra que abrimos caminho ao inconsciente, logo seria por meio da criação escrita que o professor poderia não só identificar, mas também trabalhar com seu aluno com a finalidade de produção de subjetivação. Nos deparamos então com o efeito subjetivador da escrita, e também se este efeito é passível de análise e intervenção.

A escrita é uma afirmação do sujeito, é a exposição dessa afirmação que provoca uma separação do outro, numa busca em deixar de ser passivo (GUIMARÃES, 2007). Então além da escrita ser a possível forma de visibilidade da subjetivação do aluno ela torna-se também a legitimação de uma singularidade e de uma identidade. Através da escrita o aluno pode posicionar-se frente ao saber do professor, uma forma de confrontar esta verdade² única que aqui se coloca, subjetivando-se desta forma, ocupando um não-lugar.

A literatura como escrita é a realização de um ato de criação (FERREIRA, 2007), portanto ao incentivar e trabalhar com os alunos atividades que exerçam o escrever e possibilitem o revelar-se pode ser tanto uma estratégia de reconhecimento como uma abordagem para intervenção. Tendo a criação, escrita, como possibilitadora do processo de inscrição, faz-se necessário buscar a novas maneiras para que esta ação possa ser observada, com o intuito de dar abertura para intervenções. Aqui a escrita põe-se como a forma que o sujeito irá afirmar-se, construindo ai uma identidade. Esta escrita possibilitadora faz com que a criança busque seu lugar de reconhecimento, um lugar próprio no qual acontecerá a concretização da existência do próprio sujeito (GUIMARÃES, 2007).

A relação da psicanálise e educação se faz na relação que se estabelece entre desejo e saber (FERREIRA, 2007). Já vimos que é o desejo que justifica muito das ações do sujeito em busca da concretização deste desejo.

² Aqui sendo o professor como detentor do saber, da verdade.

3.2 Escrita e Psicanálise

A escrita em psicanálise pode ser vista sob diferentes aspectos, podendo ser considerada a porta de entrada para o inconsciente (MRECH, 2008). Ela também se mostra reveladora enquanto traz em si muito do próprio sujeito. Percebe-se que há uma diferença entre a escrita clínica, usada pelo analista com finalidade de tratamento e a escrita escolar como objeto de estudo e de percepção da subjetividade do aluno. Para tanto, estas duas escritas trazem semelhanças quanto suas possibilidades, tendo como diferença básica a forma que seu leitor a utilizará e fará interpretações sobre elas.

Ferreira (2007) traz que o que ficou escrito vai além das intenções do autor, entrando aí o inconsciente e transformando a escrita como principal acesso a ele. Logo a escrita analítica, a utilizada na clínica torna-se mais ampla na medida que seu conteúdo ultrapassa a ordem do consciente. Esta mesma premissa, se analisada sobre o olhar de um professor na sala de aula pode vir a ajudar no entendimento dos questionamentos que o aluno se coloca, e até mesmo vir a ser instrumento identificador e facilitador da ação deste docente.

Penso então que o que diferencia a escrita da clínica e a escrita escolar é a sua finalidade e o modo de repercussão de seus sentidos. Segundo Birman (2001, p. 191) “a escrita psicanalítica dever ser uma ramificação do processo de saber fundido com a experiência, revelando em si mesma as marcas desta alquimia e de seus efeitos”. Logo a finalidade da escrita clínica se faz quando sua utilização não é somente porta de acesso ao inconsciente do paciente, mas sim também que em sua essência conste o próprio processo pelo qual o analisante passa. A psicanálise trabalha com o texto como a constituição do sujeito, que nele traz a sua verdade, enquanto leitor ele se fará escritor de sua verdade através de um texto dentro do texto do outro (BRANDÃO, 2001).

Já a escrita pensada em ambiente escolar, principalmente um lugar de alfabetização, é reveladora enquanto trajeto do aluno, reveladora de suas subjetividades. Aqui o papel do professor se faz importante a fim de identificar o curso que seu aluno está tomando, e até que ponto esta subjetividade está ligada ao seu atuar docente,

Cada leitor lê com suas vivências e experiências (BRANDÃO, 2001), mas será que os autores também escrevem de tal forma. Supondo que o autor escreve com seus fantasmas, algumas vezes ele pode acabar por ser interpretado além de seu objetivo inicial, ou seja, não querer dizer aquilo que outros interpretaram de seu escrito, mas até onde que o inconsciente regeu o seu texto de forma a dar a ele dizeres que o próprio autor não reconhece. Ao escrever, será que poderemos controlar ou prever o que será dito ou interpretado sobre nosso escrito? Se a psicanálise utiliza o texto como fonte de busca de significações, pode a escola utilizá-la para um fim próximo, como ato próprio de subjetivação, e através dele intervir e auxiliar na formação de seu aluno. Ou seja, qual a diferença entre ler as entrelinhas, buscando a subjetivação do autor, e a leitura feita a partir da nossa interpretação, vista sob o olhar de nossas vivências?

A diferença entre texto analítico e texto literário dá-se quando no primeiro rege a transferência e suas possibilidades de marcação e leitura, sendo a partir delas transformado, enquanto no texto literário as possibilidades se mostram mais limitadas, visto que ele se deixa ler e marcar sem operação de sentido e significação, a não ser na nossa verdade.

Em suma, a escrita clínica escreve para buscar, buscar o desconhecido, buscar o outro, buscar conhecer-se, enquanto a escrita escolar busca inscrever-se, ela se faz ferramenta, ainda que incógnita, do trabalho do aluno para inserir-se num determinado local, desde aquele que é buscado até aquele que lhe é imposto. O analista se coloca como questionador, como guia para auxiliar a escrita psíquica transformadora, e o professor se coloca como observador e leitor do que o aluno lhe demonstra.

Outro ponto a se destacar é a formação do autor que se produz a partir da leitura de seu texto. O autor se faz como tal quando é lido pelo outro, esta leitura legítima a posição de existência evidenciada enquanto escrita. Aqui a importância do se deixar ler faz com que este autor permita-se ser conhecido pelo outro.

A criação escrita na escola é feita sem intenção, ou seja, sem a noção do seu processo subjetivador. O uso da escrita em ambiente escolar é visto a partir das classes de alfabetização, mesmo que em algumas escolas de educação infantil esse processo já se inicie, é nos anos iniciais que a escrita começa a ter um papel de protagonista na vida das crianças, juntamente com a leitura. Tendo essa prática como foco de pesquisa é preciso trazer algumas considerações acerca da escrita. Quanto a sua utilização, é preciso discutir e levantar se ela é objetiva, se sua utilização

se dá de maneira banal ou se há um investimento, se quando usada ela é permeada de objetivos. Isto faz com que a criação escrita neste ambiente se torne fonte de aprendizagens e, para o professor-observador, seja fonte de coleta de dados sobre seus alunos.

Ao buscar a forma como o professor utiliza e introduz a escrita no ambiente escolar podemos considerar dois aspectos: sua utilização com intenção ou sua difusão meramente como técnica escolar. É possível perceber em algumas escolas a escrita vista sem intervenção, somente como auxiliar nos processos de sistematização, sem enfoque ou intencionalidades. Também não é possível um trabalho contínuo repleto de intencionalidades, pois muitas vezes é na escrita livre que o aluno explicita algo de sua subjetividade. Porém isto não desqualifica o que foi coletado através de um trabalho direcionado. Embora seja possível a coleta de dados por meio da escrita livre, é preciso diferenciar a escrita livre da usada como técnica escolar. A cópia, por exemplo, de palavras e frases do quadro, assim como de textos não traz nada de significativo enquanto produtor (explicitador) de subjetividades, raros os casos de distorções entre leitura-escrita.

Portanto, falamos neste trabalho de uma escrita possibilitadora e reveladora de caminhos, de marcas, de traços subjetivos, singulares. Esta escrita não é uma escrita somente gráfica, é uma escrita que diz mais do que ali está grafado. O professor se colocando como leitor dessa escrita multifacetada faz do seu aluno um autor, inscrevendo-o num lugar na relação que se estabelece em sala de aula no que se refere a professor-aluno.

3.3 Criação e Linguagem

Para a psicanálise a linguagem é habitada por quem fala e seus significantes modulam-se na voz, articulando-se uns aos outros nos ditos e dizeres (RINALDI, 2007). A relação entre psicanálise e linguagem se dá no âmbito do sujeito, de sua constituição de sua oralidade e de se sua escrita. Sendo o sujeito produto do efeito do seu inconsciente, do saber inconsciente, e a escrita a principal porta de acesso ao inconsciente (SCHAFFER, 2004), autores afirmam que o sujeito em psicanálise é constituído de linguagem, sendo essa a principal relação destas duas áreas.

Kupfer (2001) vai trazer que o sujeito é constituído pela linguagem e habita a linguagem. Logo a linguagem é de suma importância tanto no que se refere a constituição do sujeito quanto

no que se refere as interpretações, aos laços transferências, e a própria subjetividade. A linguagem torna-se, portanto, tanto produtora de um sujeito, quanto transformadora de uma subjetividade e vai além do ato de criação. Retomando que esta linguagem não é considerada nem só o escrito e não só o oral, ela transpassa o conhecimento do sujeito, está em seu jeito de ser, seu jeito de portar-se, está em ser sujeito.

A linguagem é o lugar que o homem constrói e expõe a sua unidade (PEREIRA, 2008), então todos os caminhos trilhados, as marcas constituídas e a subjetividade do sujeito passa pela linguagem. Tendo a escrita como uma forma de linguagem, a palavra abre caminho ao inconsciente, estando aí a possibilidade de utilizar da escrita como porta de acesso a uma subjetividade, a uma criação.

A criação pode ser considerada uma produção criativa que implica uma produção do sujeito, constituída na linguagem. Criar pode ser entendido como uma demonstração de algo novo, que nem sempre será uma novidade, remetendo-se a um lugar. No caso desta pesquisa, seria a criação de um sujeito desejante de ensino, no que se refere ao aluno, no que se refere ao professor. Sendo a escrita como uma ferramenta subjetivadora do sujeito, através dela é possível perceber traços e atos de criação (PEREIRA, 2008).

Para entender um pouco do que Lacan (MRECH, 2002) traz a respeito da linguagem, num contexto transferencial em sala de aula, ele utiliza de exemplo questões que o aluno traz de casa, questões já pressupostas e exploradas pelos pais ou familiares. Estas questões podem ser positivas ou negativas, mas a forma que o sujeito lida com elas é foco de atenção. Valendo-se da linguagem e da criação é possível analisar o impacto desta transferência, observando as marcas deixadas na escrita destes alunos. Fazendo estes apontamentos entre a palavra e esse jogo transferencial, Lacan fala sobre a palavra, que podemos neste trabalho entender como escrita.

A palavra institui-se como tal na estrutura do mundo semântico que é o da linguagem. A palavra não tem nunca um único sentido, o termo, um único emprego. Toda a palavra tem sempre um mais além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca resgatado – se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão o conceito. (LACAN apud MRECH, p. 64 2002)

O efeito subjetivador da escrita se dá no âmbito da criação, no âmbito da visibilidade desta subjetivação. Tudo isso pode ser ferramenta que auxilie a prática do docente em contato com este sujeito. A escrita como afirmação do sujeito e exposição desta afirmação, pode também ser considerada criação.

3.4 Professor-Aluno-Transferência

A teoria na qual sustento meu trabalho contempla tanto o lugar do professor quanto o lugar do aluno na relação ensino-aprendizagem de maneira clara, fazendo as ligações entre os sujeitos. Já foi falado sobre o professor nesta relação, já que o objetivo deste trabalho é estabelecer a relação do docente nos processos de escrita como possibilitadora da visibilidade de subjetivação dos seus alunos. Um importante item ainda a ser discutido é a relação transferencial que se estabelece entre sujeito-objeto, professor-aluno. Estas posições não são engessadas, como já foi dito, e estes papéis podem se alternar, onde ambos (professor e aluno) são sujeitos desejantes de ensino.

Ainda que o professor seja protagonista e fonte de análise da pesquisa, assim como as relações que ele estabelece com os escritos e com o aluno, não se pode pensar num contexto de sala de aula sem que contemple os demais sujeitos envolvidos e suas singularidades.

Para entender a questão da transferência precisamos ter claros alguns conceitos da psicanálise. O primeiro conceito, que está diretamente ligado a transferência, é o desejo. Ele pode ser entendido como a falta do objeto (KAUFMANN, 1996), uma angústia do que não pode ser representado para o sujeito. Ou seja, podemos entender como desejo a relação de querer do sujeito, de articular suas demandas com o objeto que falta, como o desejo do outro. Segundo Dunker (2008) o desejo é o articulador central da subjetividade, relaciona-se com questões temporais (passado, presente e futuro), com questões ligadas ao outro, com questões da linguagem.

“O homem deseja, porque a satisfação de suas necessidades vitais passa pelo apelo dirigido a um Outro” (KAUFMANN, p. 118, 1996). Esta relação de desejo com o outro, de desejo de satisfazer a demanda do outro é central para entender a relação professor-aluno que se

estabelece na sala de aula. Tendo como ponto de partida a relação professor-aluno, vemos o professor como sujeito que deseja o aluno, que deseja contemplar as demandas desse sujeito em relação aos seus desejos de aprendizagem. O objeto aqui é o que causa o desejo (idem). O professor pode desejar que seu aluno aprenda, ele deseja o sucesso dele enquanto sujeito de ensino.

Como foi dito, nesta relação sujeito-objeto, professor aluno, os papéis tentem a se alternar, em que ambos são sujeitos desejantes de ensino. Pensando no sujeito aluno ele deseja contemplar a demanda de seu professor e ser aluno.

Então as relações estabelecidas em sala de aula são atravessadas pelas questões de desejo e de transferência. Transferência pode ser entendida como a projeção de sentimentos, pensamentos e desejos já vivenciados, advindos do inconsciente (KAUFMANN, 1996). Ela se passa entre o outro e o eu, onde o eu do sujeito aprende a se por de acordo com o discurso fundamental do outro, um outro ao qual o eu se dirige mesmo que ainda não saiba quem o é.

Os efeitos da transferência em sala de aula são notáveis, temos como exemplo as inferências sobre os alunos, que é visto em salas de professores já na primeira semana de aula, quando estes já podem dizer muito do seus alunos, algumas vezes até prevendo sucessos e fracassos referindo-se a alunos passados, a familiares, etc. O professor carrega uma vasta experiência com alunos, adivinhando o que pode este ou aquele aluno a partir de seu comportamento em sala de aula. Nesta situação acontece um fenômeno que nos faz pensar a ação docente: até que ponto a previsão do professor se concretizou pela simples capacidade de absorção da análise e baseada na sua experiência, ou que sua ação docente foi calcada nesta previsão a fim de confirmar e legitimar seu poder adivinhatório. A transferência entra aqui pois este professor possivelmente já teve um aluno com comportamento ou traços subjetivos que se aproximam do aluno atual, fazendo com que ele infira sobre o futuro deste aluno, tendo por base sua experiência. Fazer acontecer sua previsão se torna objeto de desejo do professor, e não mais o aluno em si com seu desejo de aprender.

A transferência, que é produto do inconsciente, é compreendida num conjunto de manifestações afetivas do aluno em relação ao professor, sendo negativa ou positiva. O aluno passa a transferir experiências, afetos, vivências de sua vida em outro ambiente neste ambiente no qual se encontra: a sala de aula (MRECH, 2002)

Para entender a inserção da psicanálise no contexto de sala de aula é preciso saber que a transferência está em todas as relações. Kupfer (2001) traz exemplificado os papéis na sala de aula quanto coloca o professor como aquele que transmite conceitos, enquanto o papel do educador-aluno compete tomar para si aqueles conceitos que lhe interessam, tudo impulsionado e regido pelos seus desejos .

5 DA TEORIZAÇÃO À ANÁLISE DO MATERIAL

Para fazer as análises, elegi três cenas do decorrer da pesquisa. Penso que elas, juntamente com o bloco teórico exemplificam e legitimam tanto a justificativa da escolha do tema quanto o caminho percorrido até o momento.

A primeira cena é um excerto do questionário feito com o professor. Questionário que objetivou demarcar o que este docente trazia acerca da criação, da escrita e das intencionalidades do seu trabalho. Após esta coleta, com o questionário devidamente indicado, trazendo quais eram as finalidades e qual era o propósito do estudo, penso que ele acabou por condicionar as respostas para aquilo que elas buscavam. Isto é percebido e analisado juntamente com a reflexão acerca dos momentos de escrita observados e através dos escritos escolhidos.

A segunda cena é composta por excertos de escritas de alunos, onde eles se posicionam frente aos seus desejos e suas aprendizagens. Estas escritas mais livres (Figura 1, Figura 2), sem a interferência do professor, sendo realizada em um momento particular do aluno.

A terceira cena é o que exemplifica a junção das duas primeiras, um momento de intervenção por parte do professor tendo com finalidade uma criação escrita. Aqui o aluno se coloca num lugar estabelecido por ele em relação a aprendizagem e o professor faz um movimento de realocá-lo em um outro lugar.

Estas três cenas são analisadas separadamente, mas é na relação entre elas que se encontram os resultados do estudo, pois uma dá origem á outra. Estas relações estabelecidas entre o professor e sua relação com a criação, entre o aluno e seu escrito e a ação do professor quando o aluno exerce atividade de criação é que proporcionará possíveis transformações nas relações estabelecidas com a aprendizagem, tanto do aluno quanto do professor.

O questionário entregue continha nove perguntas, dentre elas selecionei três respostas, que julguei serem mais completas e que mais exemplifiquem a posição deste professor frente ao

ato de escrita como criação. No quadro a seguir apresento as perguntas juntamente com as respostas dada pelo professor.

- a) O que significa para você o ato de escrever? Um momento de expressão , criação e reflexão.
- b) Você acha que o ato de escrever é só uma questão técnica (gramática, ortografia) ou este ato implica elementos subjetivos e de criação daquele que escreve? Implica elementos subjetivos e de criação daquele que escreve.
- c) Qual a importância da escrita na etapa que seus alunos se encontram? através da escrita eles podem colocar seus medos, ansiedades, sonhos e fantasias nas personagens que descrevem , isso os ajuda a elaborar questões pelas quais estão passando.

Primeiramente, temos que rever a forma de apresentação das perguntas. Como o questionário foi entregue devidamente identificado trazendo a instituição, a linha de pesquisa, assim como o projeto, o professor que o respondeu pode ter sido inclinado a dar respostas que ele pensava serem as corretas. Na pesquisa em educação vemos muito isso, o quanto os sujeitos envolvidos tem um cuidado em responder, em demonstrar, aquilo que o pesquisador está em busca. Pensando em respostas, ele tenta chegar o mais próximo possível daquilo que seria uma resposta ideal para seu questionador. Tendo isso como premissa, é necessária a observação deste professor, tentando observar se na prática ele traz o que conceitua e exemplifica nas respostas.

Ao me valer da primeira questão, “o que significa para o professor o ato de escrever”, buscava uma resposta mais completa, mais dinâmica, que representasse um objetivo prático, um ‘para situar-se no mundo’. Podemos ver que a resposta desse professor foi além de uma função prática e socializadora, ele se preocupou em esclarecer que a escrita tem mais funções, que ela pode ser vista além da escrita gráfica. Inferimos então que este professor, tendo por base sua resposta sobre o ato de escrever, além de ter esclarecidas as suas ações e intervenções trata os momentos de escrita como momentos de criação de seus alunos, sabendo que ali estão em jogo mais do que uma grafia correta a se observar.

A segunda resposta objetivava uma resposta que complementasse a primeira, tendo em vista que permitia explorar mais os conceitos trazidos na primeira resposta, até mesmo exemplificando o que o professor entendia sobre os conceitos trazidos na primeira resposta ou até mesmo os contidos no corpo da pergunta. Aqui percebemos que houve uma economia na resposta, justificada pelo tempo que o professor disponibilizava para responder e também por aquilo já lançado anteriormente, a tentativa de contemplar a resposta desejada pelo questionador.

Quando um professor assume que a escrita implica elementos subjetivos ele tem consciência que seu trabalho em cima desta atividade escolar entende que esta escrita pode ser vista como via de conhecimento e saber (RODRIGUES, 2009) proporcionados não só para o aluno, mas também para os sujeitos envolvidos neste processo.

Esta escrita que implica elementos subjetivos, elementos de criação é uma escrita endereçada ao outro. Pensando na escrita escolar, endereçada ao professor e à instituição, essa leitura atenta desse docente, reconhecendo os efeitos que ela pode ter, traz o aluno para dentro da escola, faz com que ele se torne mais parte da escola, da turma. Ainda este ato, na escola, faz a junção entre o que anteriormente trouxemos sobre escrita clínica e escrita escolar, uma escrevendo para buscar e outra buscando inscrever-se, a possível mistura entre elas, de uma suposição do aluno que o professor saberá algo dele que ele não sabe, escrevendo então para buscar essa incógnita e para se inscrever no lugar de aluno (RODRIGUES,2009).

A terceira questão que abordo busca a ligação que este trabalho objetiva: a relação deste professor com os escritos dos seus alunos. Ao abordar a importância que este professor coloca nas produções efetivadas no ambiente escolar e tentar explicitar o que ele encontra de elementos subjetivos percebidos através dessa escrita, podemos comprovar e legitimar as respostas anteriores. O professor em questão trouxe sentimentos que podem ser visibilizados através da escrita, e a importância desta explicitação do aluno através de seu texto. Tendo sua resposta como premissa para os momentos em que a criação é solicitada em sala de aula, este é um professor que deixa a escrita surgir, tentando não direcioná-la nem limitá-la à técnica.

Segundo Brandão (2007) a psicanálise trabalha com o texto escrito que constitui a verdade de cada sujeito, o professor que deixa a escrita surgir, não podendo-a , está mais próximo de deixar seus alunos exercerem atividades de criação, exercerem uma construção de sujeito do que aqueles que visam a escrita como mera técnica. Nos escritos escolhidos tentei me ater àqueles que traziam referência à escola, ao sujeito e à relação do sujeito com a escola, buscando perceber neles esses elementos subjetivos, marcas da escola e/ou do professor presentes. Mais uma vez aqui foram selecionados aqueles que julguei mais pertinentes e que mais irão ajudar na defesa do que proponho.

A primeira escrita analisada é da aluna C, uma menina de 9 anos que repetiu de ano, fato que foi bem marcante e que poderemos ver nos seus escritos (figura 1). Embora seja a única da turma que repetiu o ano, é a menor em estatura, em tamanho.

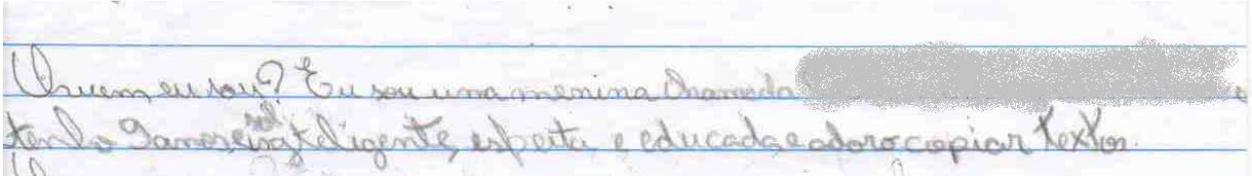


Figura 1³

O primeiro elemento a ser percebido nesta escrita é a maneira que o aluno se descreve, ele marca desejos de ser além de seus gostos na escola. Percebe-se que ele fala em copiar textos, e não em criar, mesmo que isto esteja presente em uma criação. Esta escrita traz uma afirmação do sujeito juntamente com uma exposição desta afirmação, separando-o do outro a fim de constituir um novo modo de ser. Sendo a escrita uma forma do sujeito se afirmar, vemos neste exemplo de escrita escolar a publicização desta afirmação.

Outro ponto a ser analisado, ainda nesta escrita é a não autoria que se mostra. O fato de o aluno elencar que ele gosta de copiar texto demonstra, talvez, uma não permissão de ser autor, como se o que ele escrevesse poderia ser errado, mesmo explicitando isso num momento de criação. Este aluno está se inserindo num lugar em que a autoria não existe, e sim a cópia e que ele tem a todo momento que se firmar enquanto sujeito. Esta escrita como lugar em que o sujeito se representa (BIDAUD, 2007) traz elementos subjetivos que só o aluno tem acesso, assim ele permite a publicização destes elementos.

O professor pode atuar tanto na não autoria deste aluno, podendo levá-lo a se colocar num lugar de autor, tanto lendo seu texto quanto destacando a sua criação, e também no reforço dos elementos positivos percebidos nesta escrita buscando uma concretização das representações expostas. Este professor que assume que a escrita do aluno implica em elementos subjetivos poderá buscar através desta atividade mais do que conhecer seus alunos, conhecer o que eles acham de si.

Outra escrita, ainda desta aluna, faz referência a seus sentimentos em relação ao nível de ensino que se encontra. Podemos ver na Figura 2 as marcas deixadas ao repetir o 4º ano.

³ Quem eu sou? *Eu sou uma menina chamada C tenho 9 anos e sou inteligente, esperta e educada e adoro copiar textos.*

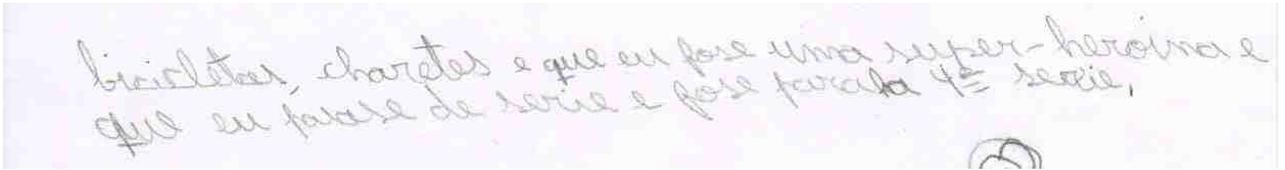


Figura 2⁴

Neste excerto a presença de um desejo de pular uma série, e para isso a criação de uma super-heroína são elementos subjetivos das marcas que essa repetição deixou na aluna.

Como terceira cena trago um momento de escrita do aluno R, um menino de 10 anos, com a intervenção do professor. Ela aconteceu frente a um pedido de escrita de um texto de estrutura livre, que buscava quais os gostos e atividades individuais dos alunos. Ao perceber que o aluno permanecia parado, enquanto todos os demais realizavam a atividade, a professora se aproximou e se estabeleceu a conversa.

Professora: Por que não fez R.?

Aluno: Por que eu não sei.

Professora: O que tu não sabes?

Aluno: Não sei fazer isso, escrever isso.

Professora: Quem sabe tu tentas?

O aluno tenta e consegue escrever algumas palavras.

Professora: Viu como tu consegues, não quero mais saber de ti dizendo que não sabes antes de tentar.

Em seguida o aluno lê as frases que escreveu.

Esta cena traz a ação do professor frente a uma negação de seu aluno, e mesmo quando este não cumpre exatamente o pedido, afinal escreveu algumas frases em vez do exercício sugerido, ela não desqualifica o que ele conseguiu e contradiz a sua negação. Frente a esta cena as interpretações dos papéis de aluno e de professor ficam bem claras, assim como o papel deste professor e sua ação docente.

⁴ ...bicicletas, charretes e que eu fosse uma super-heróina e que eu pulasse de série e fosse para a quarta série.

O aluno ao ser questionado do porque da não realização do trabalho assumiu uma posição além de negação, de falta de desejo. Sua posição de negação, ao falar que não sabe, está diretamente relacionada com o saber, com o objeto do saber que circula pela sala de aula. Ele nega que sabe, mesmo quando a frente de seu escrito. Nesta cena ele não traz desejo em relação a esta aprendizagem, pois frente a quebra de sua negação apenas o fez, e não buscou fazer aquilo que era pedido. Ou seja, frente ao pedido da professora de que ele tente escrever, mesmo que sejam palavras, ele não se preocupou nem em fazer o que estava sendo solicitado, expondo talvez um outro desejo naquele momento.

Nesta terceira cena podemos ver a ligação entre o papel do professor e o processo de escrita, podemos verificar as respostas ao questionário na ação docente. É percebido que este professor entende que a escrita é mais singular e subjetiva que aparenta ser. Ao analisar a escrita produzida neste momento (Figura3) podemos ver que o aluno utilizou palavras e até construiu frases, mas tudo distante da proposta da atividade. Demonstrando aqui um possível outro desejo, outras vontades dele naquela hora.

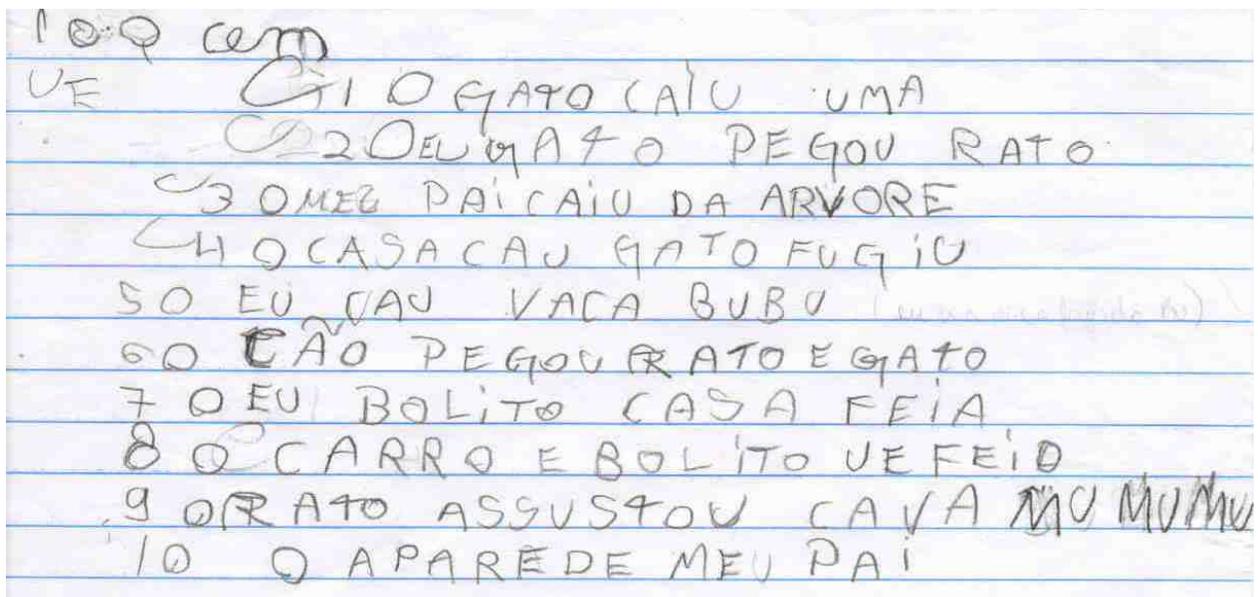


Figura 3

Percebemos nesta escrita depois da intervenção do professor, uma escrita simples, com erros gramaticais e uma falta de ligação com a atividade proposta. Porém, é possível perceber

uma ligação entre as frases e a tentativa de construção de um texto significativo, até utilizando de rimas. R. é um menino de 10 anos que frequentou um abrigo por grande parte da sua infância, tendo sido adotado recentemente. Apresenta dificuldades de integração com a turma, e um atraso significativo na escrita e na leitura, percebidos no decorrer das observações. Ele vem sendo acompanhado pela orientadora da escola que fazia um trabalho diferenciado com ele, que antes de retomar os atrasos na escrita e na leitura, buscava retomar uma construção de si.

Ao afirmar essa negativa, de não saber escrever, R. se colocou num lugar fora do lugar de desejo. O professor ao questioná-lo a respeito da sua afirmação. E ao intervir para que ele tentasse ainda que não soubesse, o recoloca numa posição de desejo em relação ao aprendizado do escrever. Este docente só fez este movimento pois sabia que seu aluno era capaz de escrever, sabia da falsa afirmação. Percebemos através desta intervenção, desta cena, que este professor condiz com suas respostas no questionário. Mostrou-se atento e consciente das possibilidades de uma escrita, ou de uma não escrita, para seu aluno. Ele mostrou desejo em recolocar o aluno numa posição de desejo para a aprendizagem.

Outro ponto que chama a atenção na escrita de R. é a falta da assinatura, mesmo esta sendo exigida em todas as atividades produzidas pela turma. Isto pode representar uma falta de autoria, um não reconhecimento de uma condição de autor, autor de seus escritos, como se não fosse permitido ser nesta ocasião. Também reforça um não pertencimento deste aluno com a turma, uma não inscrição no grupo, nem num lugar na relação com o professor.

Como foi posto, R. passou por um processo diferenciado dos demais alunos desta turma, até no que se refere a aceitação das intervenções desta professora. Num primeiro momento, quando ainda não estava em acompanhamento, e seu caso ainda não tinha um olhar diferenciado da professora, outra cena relacionada com o escrever, e mais uma vez com a intervenção da professora, talvez ainda não com a consciência da importância e das marcas da escrita, foi observada. Era uma atividade de transcrição da letra de imprensa para a letra cursiva, conteúdo obrigatório para aquele ano naquela escola. Primeiramente era lida a história para os alunos, depois foi entregue uma folha com um texto digitado e era pedido que eles reescrevessem o texto utilizando da letra cursiva. Atividade simples que já havia sido feita em outro momento. R. ao receber a folha, apenas copiou, escreveu alguns trechos da história, transcrevendo algumas letras, muitas vezes sem sentido gramatical(Figura 4). O professor, ao perceber que a escrita de R. não

era cursiva, mas que ele já tinha preenchido quase toda a atividade, entregou nova folha e pediu que desta vez fosse copiado com letra cursiva. Ao iniciar a nova folha, novamente R. escreve com letra de imprensa, e após nova intervenção completa a atividade com rabiscos fazendo alusão a uma letra cursiva. (Figura 5).

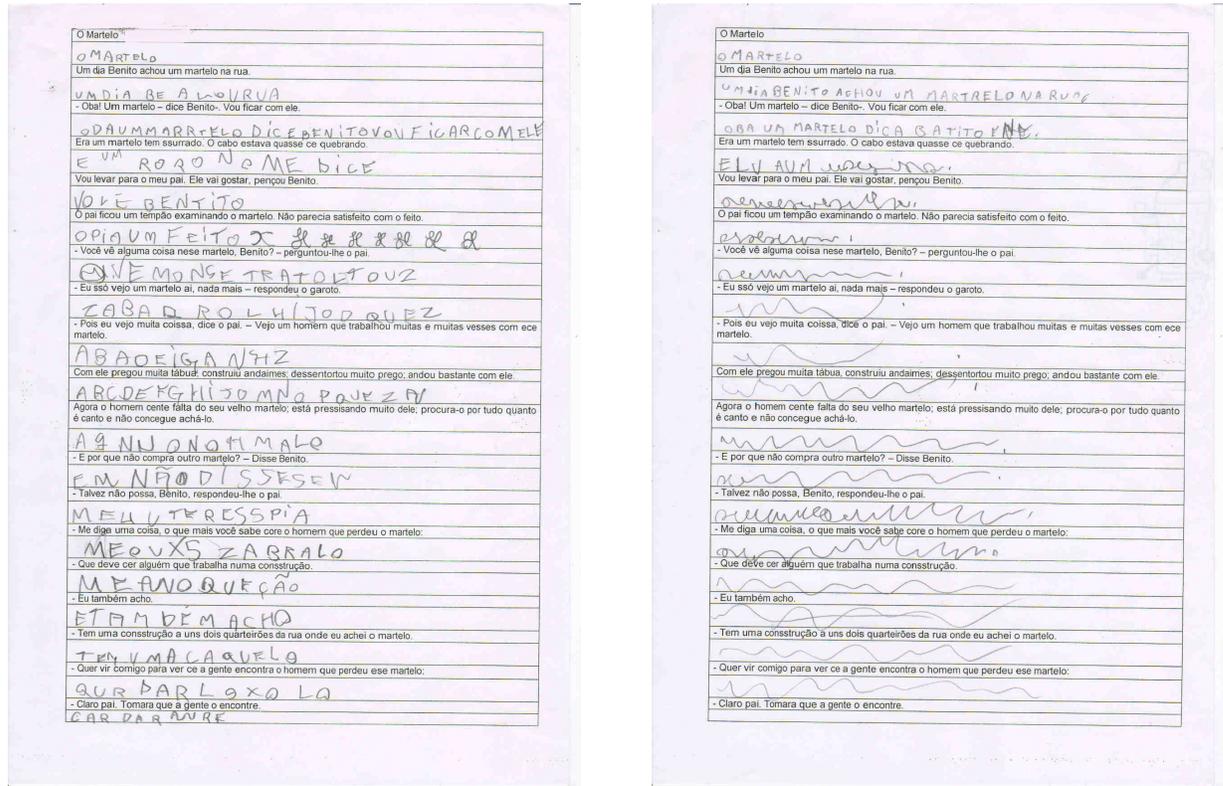


Figura 4

Extraímos daí, e comparando com a primeira cena de R. que foi num momento posterior a este, que houve uma evolução no que se refere a aceitação de intervenção deste aluno. Talvez depois desta cena o professor conseguiu criar laços transferências e laços de aprendizagem com seu aluno, visto que até a sua intervenção foi diferente. Em escritas posteriores a estas duas, ele já passou a assinar e até a ter um maior cuidado em responder o que é pedido. Podemos ver as respostas dele numa prova aplicada a turma (Figura 6) e uma escrita mais livre, relacionando um uma proposta aberta (Figura 7).

NOME	R	TURMA	DATA	5/0/10
------	---	-------	------	--------

LEIA O TEXTO:

Me dá um selinho? (Ana Holanda)

Não existe adulto que nunca tenha tido alguma coleção. Tampinha de garrafa, lata de refrigerante, moeda, figurinhas, carros de lata, papel de carta e toda espécie de bugiganga. Mas tem uma coleção que parece sempre estar atual: os selos. O gosto de colecionar selos é chamado de filatelia, e quem os coleciona, filatelista. Tem gente que herda a coleção do irmão mais velho, outros observam a do amigo e ficam loucos para ter a sua.

Com o garoto Gabriel Lobato, de 14 anos, foi assim. Gabriel coleciona selos desde os 9 anos e acabou herdando a coleção do tio. Ele possui todos os tipos de selos, antigos e modernos. Seus prediletos são os selos com figuras de aviões, foguetes e motos. Ele já possui mais de mil selos e engorda sua coleção quando seus pais recebem cartas do exterior ou quando troca ou compra selos.

Como começar – Para quem quer iniciar uma coleção, Gabriel ensina que o correto é retirar os selos das cartas com vapor de água. Nada de tentar arrancá-los. Para pegá-los, o ideal é usar uma pinça.

» Marcos Pinto Lima Filho, 13 anos, amigo de Gabriel e também colecionador assíduo, lembra que a melhor forma de conservar os selos é guardando-os dentro de pastas especiais, compradas nas livrarias. Marcos já possui 8 álbuns. A maior parte dos seus 2500 selos foram comprados no Brasil e em viagens para o exterior.

« Se você preferir, pode também optar por colecionar apenas uma espécie de selos. Por exemplo: coleção de selos brasileiros, temas esportivos, flores, frutas, etc. Marcos tem uma coleção que ele chama de "geral". Há selos antigos, modernos, brasileiros, estrangeiros e dos mais diversos temas.

Palavras:
Bugiganga – coisa de pouco valor.
Assíduo – que nunca abandona a coleção, está sempre procurando novos selos.

1) RESPONDA:

a) Como é chamado o colecionador de selos?
CARROS OVIRO

b) De acordo com a experiência de Gabriel e Marcos, como são conseguidos selos para fazer uma coleção?

c) Por que a coleção de Marcos é "geral"?
SE VOCE PREFERIR

d) De acordo com Marcos, qual é a melhor maneira de conservar os selos?
MARCOS PINTO LIMA FILHO 13 ANOS AMIGO DE GABRIEL

e) Fale o que mais você lembra sobre coleções:
POTA DE LARIS C

Figura 5

Nesta figura percebemos que houve uma preocupação em responder, em assinar. Isto já demonstra muito do avanço, tanto no que se refere a escrita quanto no que se refere a autoria. Embora devamos levar em conta que era uma avaliação, sua conduta possibilitaria uma não realização da prova, embora acredito que ali está muito mais o trabalho de intervenção que vinha sendo desenvolvido pelo professor do que uma correspondência a uma exigência da escola.

NOME	R.	TURMA	DATA	8/6/10
------	----	-------	------	--------

Você foi contratado na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, para um cargo que promove a cidade convidando turistas para vir conhecer a cidade. Escreva um convite convidando a conhecer pontos turísticos de Porto Alegre, dê dicas de alimentação e de diversão, tudo o que é possível na cidade.

P. R. PARA C.

O PAI PARA IR COMIGO NO PARCÃO NO
 DIA 19/14/11 HORAS 10:00 ATÉ 11:30 LOCAL
 PARCÃO AV 24 de outubro RUA 24 C/ O M. COPA COL DO BRASIL

* McDonald's PAI TOMA COME UM MC QUE

Figura 6

Já nesta escrita, diferente da prova e das escritas observadas anteriormente, vemos um trabalho de escrita mais elaborado, mais legível gramaticalmente, onde há autoria, há assinatura, há desejo implícito. Este é um convite que R. fez ao pai, para passear no parque e depois fazer um lanche. Ao ser questionado, ele fala que este é o programa de domingo da família. Podemos perceber a relação estabelecida com este pai, e o desejo de que esta relação perdure, traz as lembranças do pai que gosta de comer, traz a marca do jogo da seleção brasileira⁵.

R. era um aluno muito expressivo nas suas colocações orais, e adorava a leitura de histórias pela professora, sempre trazendo boas colocações e referências ao contado. Esta discrepância entre a participação oral e a atividade escrita, pode ser associada a um não pertencimento a turma, mas uma ligação com o professor.

Podemos ver através da trajetória de R., trajetória vista através de seus escritos, que ele passou por um processo de criação, criação de um sujeito que deseja aprendizagem, que é autor de suas marcas, que se inscreve num local na relação ensino-aprendizagem. Esta mudança não é só percebida através das marcas nos seus escritos, dos rabiscos aos gostos explicitados, é também

⁵ Na semana desta atividade estava ocorrendo os jogos da copa do mundo da África, após um dos jogos do Brasil.

da sua assinatura, que através da ação de seu professor, passou a ser personagem presente em todas as suas produções.

A partir do caso de R., das colocações de C. na sua escrita e das respostas dadas no questionário, foi possível perceber esta costura entre o que o professor lê que o aluno escreve. Quais as interpretações acerca dos escritos, quais as leituras das ações e intervenções, ou seja, percebemos as conversas dos sujeitos envolvidos nestas relações de ensino-aprendizagem. Para ser aluno é preciso reconhecer um professor, portanto ao utilizar da escrita como forma de visibilidade de seu desejo em relação a aprendizagem transformaria o professor em seu principal leitor assim se inscrevendo neste lugar, autorizando-se a ser sujeito a partir desta leitura.

Ter a subjetividade como foco de análise, sendo esta tão singular, torna o apoio na psicanálise essencial, pois esta teoria consegue abordar todos os sujeitos no que se refere a sua singularidade e sua subjetividade. A subjetividade de cada sujeito envolvido na pesquisa, que foi analisada através da escrita, da ação tranferencial, de respostas, exige um cuidado em ter esclarecidos os processos dinâmicos que isto envolve, os sentidos, as verdades que se articulam no desenvolver do processo.

Contemplando esta ideia, a subjetividade pode ser compreendida como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em sua trajetória de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação.(SCOZ,p. 31, 2006)

Então, analisar o efeito subjetivador destas escritas, da criação em sala de aula, implica ter conhecimento dos processos que a própria subjetividade esta inserida. A simples compreensão do que se trata isso, já transforma a ação dos sujeitos envolvidos no processo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que me propus no início desta pesquisa, tendo esclarecidas as possibilidades que o tempo, que a maturidade e que os dados traziam, este trabalho concluí-se de forma abrangente e aberta. Ele alcança professores de todos os níveis de ensino, pois trata para além da grafia da escrita, para além de uma relação superficial de professor aluno, e ela é aberta pois está ancorada numa teoria que aceita as diferentes compreensões, que acredita num rastro deixado na sua escrita, tanto no que se refere a complementações quanto a interpretações.

Buscando encontrar o papel do professor no processo de escrita como criação, e analisar as relações estabelecidas do professor com seus alunos e com o escrito dos seus alunos encontramos que o professor tem papel decisivo na formação dos seus alunos, na interpretação de seus escritos. Este professor tem este papel pois ele que está cotidianamente estabelecendo ligações com os seus alunos, com seus escritos, com suas inscrições e com suas criações. Podemos colocar o professor como aquele que pode fazer esta costura entre os escritos dos alunos, o que eles contam sobre eles e a relação de ensino-aprendizagem. A ação do professor é transformadora quando ele lê o que as crianças dizem nas escritas para além do significado semântico daquelas letras.

A escrita dos alunos pode ir além de material avaliativo, fonte da avaliação e progressão do aluno naquela série/ano. Como pude acompanhar ela traz mais significados do que escrever certa ou erradamente. Ela é fonte de mais informações do que só gramaticais. O professor ao demandar desse saber pode utilizá-la a fim de conhecer mais seus alunos, de investir mais na relação com eles e em todas as relações de sala de aula.

Esta ação do professor se dá somente quando ele tem esclarecido o seu papel na relação de ensino-aprendizagem. Para ter esta apropriação seriam necessários saberes para além dos pedagógicos. Não quero afirmar que todos os professores tem de se apropriar dos saberes da psicanálise, ter conhecimento do papel subjetivador que a escrita tem, mas o educador ao beber de outras fontes, que não seja somente da pedagogia, auxilia tanto na abordagem de seus alunos quanto nas concepções constituídas ao longo da sua vida docente.

Segundo Kupfer (2001, p. 118) “ao demandar o saber da psicanálise o educador já está formulando uma demanda, já supõe naquele corpo teórico um saber sobre *seu* desejo”, ou seja, este saber, mesmo que superficial, já demanda algo, já acarretará em transformações na prática deste professor. Ainda Kupfer ajuda a legitimar o que considero ser a contribuição do meu trabalho para o corpo de docentes:

Operativo significa dizer que o saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal qual ele é entendido pela psicanálise: como transmissão da demanda social além do desejo, como transmissão de marcas, como transmissão de estilos de obtenção da falta do outro(Kupfer,2001, p.119).

As marcas deixadas pelo contato da psicanálise permeiam diferentes áreas da nossa vida, e não seria diferente quando um professor tem contato com ela, seja fazendo análise, seja lendo um texto, ou em conversa informal com um psicanalista. A partir daí as referências dessa marca no trabalho com os alunos é evidente quando percebemos mudanças, tanto nas intervenções quanto nas leituras que fazemos das produções em sala de aula. A escrita permite ao aluno contar-se, permite que ele seja sujeito numa relação.

Este trabalho é decorrente não só dos experimentos desse semestre, do estágio e suas reflexões, ele é um grande esboço, não no sentido de rascunho e sim no sentido de ainda não pronto, de uma definição do que foi escolhido para a carreira, desde os aportes teóricos até as escolhas posteriores à formação, como o continuar na docência. Ele traz elementos singulares desta autora, dos caminhos percorridos e dos objetivos alcançados. Ele busca esclarecer e contribuir para a formação de docentes sob a luz de uma teoria que aborda vários elementos, que aborda a subjetividade e a singularidade dos sujeitos envolvidos. Considero este trabalho mais que uma etapa construída e sim um degrau consolidado na formação desta professora.

REFERÊNCIAS

- BIDAUD, Eric. Reflexões sobre a passagem do oral ao escrito. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.
- BIRMAN, Joel. A Escrita em Psicanálise. In.: BARTUCCI, Giovanna (org). **Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. A vida escrita: os impasses do escrever. In.: BARTUCCI, Giovanna (org). **Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
- DINIZ, Margareth. Fragmentos da vida e obra de Jacques Laca. . In.: **Revista Educação. Especial Lacan Pensa Educação**, Editora segmento, 2008. 90p.
- DUNKER, Cristian Ingo Lenz. Pequeno Glossário Lacaniano. In.: In.: **Revista Educação. Especial Lacan Pensa Educação**, Editora segmento, 2008. 90p.
- ELIA, Luciano. A letra: de instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.
- FERREIRA, Nadiá . A literatura como escrita e como fala. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.
- GUIMARÃES, Beatriz da Fontoura. A escrita na clínica: construção de uma alteridade. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.
- KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro. Psicanálise e Educação**. São Paulo: Escuta, 2001.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise : o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar; 1996.
- MENDONÇA FILHO, João Batista de. Ensinar: do mal-entendido ao inesperado da transmissão. In.: LOPES, Eliane Marta de Teixeira (org). **A psicanálise escuta a educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MRECH, Leny Magalhães. **Psicanálise e Educação: novos operadores de leitura**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

MRECH, Leny Magalhães. Mas, afinal o que é educar? In.: **O Impacto da psicanálise na educação**. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

MRECH, Leny Magalhães. Lacan, a educação e o impossível de educar. In.: **Revista Educação Especial Lacan Pensa Educação**, Editora segmento, 2008. 90p.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. O relacional e o seu avesso na ação do bom professor. In.: LOPES, Eliane Marta de Teixeira (org). **A psicanálise escuta a educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEREIRA, Karine Ribas. **Escrita e Linguagem: o estatuto da criação e a subjetivação do sujeito escolar**. Trabalho de conclusão(graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre, BR-RS, 2008.

POLI, Maria Cristina. Transcrever, escrever, transferir. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.

RINALDI, Dóris. Escrita e Invenção. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal. **Singularidades no processo de escrita de sujeitos em estruturação psicótica**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2009.

SCHÄFFER, Margareth. **Experiências de Escrita, Subjetividade e Possibilidades de Laços Sociais**, 2010. O f. Projeto inserido na linha de pesquisa: Ética, Alteridade e Linguagem na Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHÄFFER, Margareth. **Subjetividade, Linguagem e Criação: escrita e sinthome**, 2004. O f. Projeto inserido na linha de pesquisa: ética, alteridade e linguagem na educação – Universidade federal do Rio Grande do Sul.

SCOTTI, Sérgio. Pulsão e escrita. In.: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (orgs). **Escrita e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, Instituto de Psicologia, 2007.

SCOZ, Beatriz. Aprendizagem e formação de psicopedagogos: sujeito e subjetividade. In.: MALUF, Maria Irene (coord.). **Aprendizagem Tramas do conhecimento, do saber e as subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo: ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2006.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Aluna: Adriana Prass Orientadora: Margareth Schäffer

AO PROFESSOR de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental

“Escrever sobre o escrever: relações entre escrita e criação”: roteiro para reflexões pessoais.

- d) O que significa para você o ato de escrever?
- e) Você já tentou alguma vez escrever um conto, um romance, uma poesia?
- f) Depois que você acaba de escrever, retomas o escrito? Acha importante esse reencontro?
- g) Você acha que tem dificuldades em relação ao escrever?
- h) Você acha que o ato de escrever é só uma questão técnica (gramática, ortografia) ou este ato implica elementos subjetivos e de criação daquele que escreve?
- i) Quando você escreve, pensa naquele que vai ser seu leitor?
- j) Você gosta de seus escritos? Acha eles criativos?
- k) O que você gosta de ler atualmente (ou gostava antigamente)?
- l) Você acha importante formar novos escritores?
- m) Qual a importância da escrita na etapa que seus alunos se encontram?
- n) Seus alunos, depois de uma produção escrita, costumam retomar as criações?
- o) Quais os tipos de atividades escritas que são mais aceitas na sua sala de aula? E quais você mais gosta?